

economia



Visão de mercado

João Satt

Estrategista e CEO do G5
joaosatt@gcinco.cc

Dignidade

Apenas quem viveu na pele os efeitos da enchente, sabe que: a “ressaca dos afogados” é muito mais abrangente do que se possa imaginar. Ao encontrarmos as fronteiras da nossa vulnerabilidade, bate a culpa da própria impotência. Essa dor profunda, traz a reboque o efeito colateral da vergonha do “não conseguir”.

Pense um pai e uma mãe sem condições de proporcionar uma vida digna aos filhos. A ausência de um telhado, proteção, enfim, dormir em paz, ter um canto para chamar de seu, tudo isso são carinhos esperados e imprescindíveis. Um filho quando chamado para ajudar sua família a superar um impacto dessa magnitude, invariavelmente, tem sequestrada parte da trajetória da sua própria vida. Naquele momento seus projetos e sonhos profissionais ficam em segundo plano. Isso traz consequências para o resto dos seus dias. Só quem perdeu sabe o quanto dói enfrentar um luto.

Nos últimos dias, iniciamos um novo estudo de mercado, com objetivo de escutar o desabafo de três segmentos da sociedade. Muitos estão extremamente irritados, outros negam a realidade, sendo que a maioria apresenta um olhar vago quando fala do momento atual. Nossos profissionais entrevistaram:

1. Quem perdeu a casa;
2. Quem perdeu o negócio e/ou emprego;
3. Quem teve sua mobilidade afetada.

O ponto comum a todos entrevistados é que a rotina, o curso conhecido e normal de suas vidas, foi afetada pelas águas escuras dessa tragédia. O renomado psiquiatra Carl Jung, em sua obra “O Homem e seus Símbolos”, aborda o conceito de misoneísmo, ao explicar que o ser humano reage com “um medo profundo, irracional e supersticioso ao novo”.

O Rio Grande do Sul passou por um evento com a capacidade destrutiva comparado a uma verdadeira guerra. O despreparo face ao impacto do invasor, levou governantes e os diferentes recortes da população a um quadro de total impotência. Não se pode desconsiderar tudo que aconteceu, é importante sentar e conversar, a força renasce do diálogo franco e transparente.

O recado que vem dos entrevistados para os líderes políticos é suportado no tripé: verdade, agilidade e concretude. “Amar e trabalhar” foi considerado por Freud, como a síntese da sanidade mental. A dignidade reside em sentir-se reconhecido através do amor e do trabalho. O mecanismo de luta e fuga nos leva a escolher entre os inimigos imaginários e os reais. Nossa saída não é a fuga, e sim o bom combate: transformador, pleno em inovação, focado, comprometido com o inevitável salto da evolução. Todo problema, por pior que seja, traz uma oportunidade.

O Japão pós-guerra chorou, mas se reinventou como modelo e parque industrial. Pasmem, atualmente, é a terceira maior economia do mundo, ficando atrás apenas da China, e dos Estados Unidos, em primeiro. Os produtos japoneses têm garantia de origem e são respeitados em todo planeta. Os japoneses resgataram o orgulho-nação.

Não podemos nos entregar, é hora de agir. Construir um novo Rio Grande do Sul, a partir dos valores que nos trouxeram a ser uma das mais importantes economias do Brasil. Podemos ser o que nos propusermos, desde que seja reconstruída nossa autoestima, dignidade e capacidade de amar e trabalhar.

João Satt escreve neste espaço, às quintas-feiras a cada duas semanas

Lula diz que responsabilidade fiscal é compromisso de gestão

Petista afirmou ainda que gasta o necessário e ‘não joga dinheiro fora’

/ CONJUNTURA

Em meio a preocupações de investidores quanto à capacidade do governo de cortar gastos para conter o aumento da dívida pública, um dos fatores que tem levado à disparada do dólar, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou ontem que gasta quando é necessário, e que não joga dinheiro fora. O petista disse ainda que responsabilidade fiscal é compromisso do governo.

“Aqui nesse governo a gente aplica dinheiro necessário, gasto com educação e saúde quando é necessário, mas a gente não joga dinheiro fora. Responsabilidade fiscal não é palavra, é compromisso desse governo desde 2003 e a gente manterá ele à risca”, disse Lula, em discurso no lançamento do Plano Safra Agricultura Familiar, no Palácio do Planalto.

Lula vem numa esteira de declarações com críticas à taxa de juros e à atuação do Banco Central.

Nos últimos dias, a cotação do dólar escalou diante da incerteza dos agentes do mercado com a trajetória fiscal do Brasil. A preocupação é com o risco de esse movimento respingar na economia real, encarecendo produtos e levando o BC a precisar aumentar os juros básicos, hoje em 10,50% ao ano, para conter a inflação.

As falas repercutem negativamente no mercado e, por isso, preocupam auxiliares. Eles defendem moderação nas manifestações do petista, para evitar um



VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Fala do presidente vem na sequência de críticas ao BC e alta do dólar

agravamento ainda maior do quadro econômico.

Pela manhã, no Palácio da Alvorada, o chefe do Executivo se reuniu com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. À tarde, manteve encontros com ministros da área econômica para debater medidas de corte de gastos. Participaram os integrantes da Junta de Execução Orçamentária (JEO), formada por Haddad, Simone Tebet (Planejamento), Rui Costa (Casa Civil) e Esther Dweck (Gestão e Inovação).

Lula tem feito declarações públicas contra mudanças na política de valorização do salário mínimo (que impacta a Previdência Social) e a desvinculação entre benefícios sociais e o piso nacional. Ele também descartou limitar o crescimento dos mínimos em Saúde e Educação. Esses são justamente alguns dos componentes que mais

pressionam o Orçamento.

Após apostar em um ajuste fiscal centrado no aumento de receitas, Haddad passou a defender também medidas pelo lado das despesas. Mas essa opção ficou em xeque após Lula dizer, na semana passada, que primeiro precisa “saber se precisa efetivamente cortar” gastos. Integrantes do Ministério da Fazenda ficaram apreensivos com as declarações do chefe do Executivo e preveem desafios para que Haddad e a ministra Simone Tebet convençam o presidente da necessidade dos cortes.

“Se fizerem acontecer, ano que vem tem mais, vai produzir mais, povo vai comer mais, e a gente vai ter política econômica sem causar sobressaltos. Vai ter política econômica, fazer esse país crescer, transferência de renda e ao mesmo tempo vai continuar com responsabilidade que sempre tivemos.”

Chuvas no Estado afetaram desempenho da indústria

O desastre que se abateu sobre o Rio Grande do Sul afetou a produção tanto da indústria local quanto da indústria nacional em maio, segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A produção industrial recuou 0,9% em maio ante junho, com perdas em 16 das 25 atividades investigadas.

As duas maiores contribuições negativas para o resultado geral da indústria partiram de veículos (-11,7%) e de produtos alimentícios (-4,0%), ambos os setores impactados pelas enchentes em território gaúcho. “Você tem por conta desse

evento impacto direto para plantas industriais do Rio Grande do Sul e em plantas industriais em outras Unidades da Federação”, afirmou André Macedo, gerente da pesquisa do IBGE.

Em veículos automotores, houve paralisação em montadora de veículos e em fábricas de autopeças por conta das chuvas, o que afetou o abastecimento em outras regiões do País. Quanto aos produtos alimentícios, as chuvas no Rio Grande do Sul podem ter impactado via complexo de carnes (aves, bovinos e suínos) e derivados da soja, por exemplo.

O pesquisador lembra que

a indústria já vinha de uma queda na produção no mês anterior. Já em maio, diversos segmentos industriais mostraram comportamento negativo sob influência das chuvas, confirmou Macedo.

Além de veículos e alimentícios, as enchentes afetaram também uma parcela dos setores de calçados, fumo, produtos químicos e máquinas e equipamentos para o setor agrícola. O gerente do IBGE conta que há relatos de indústrias antes paralisadas pelas chuvas e que agora retomaram a produção, embora algumas talvez não tenham conseguido retornar completamente.